



ENTREVISTA



Gabriel da Silva Pereira, Licenciatura e Mestrado em História – UFG, EE Leovegildo de Melo.

1. Considerando a Pandemia do Coronavírus e a necessidade de distanciamento e isolamento social, muitas escolas optaram pela realização de aulas online, tanto públicas quanto privadas, como você analisa tal decisão?

Como professor de História e coordenador pedagógico da Educação Básica da rede pública, atuando em uma escola na periferia de Cuiabá, que atende estudantes oriundos de bairros próximos, localizados na região da Morada da Serra, a realização de aulas online não se constituiu no melhor método para a aprendizagem dos estudantes.

Conforme o diagnóstico elaborado em 2018, do ponto de vista familiar, social, econômico e cultural, parte considerável dos estudantes vive em situação bastante precária, o que acarreta desafios para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, as famílias que possuem algum membro empregado (formal ou informalmente) dedicam boa parte da renda ao pagamento dos aluguéis de suas moradias. Devido a isso, parcela dos estudantes se inserem no mercado de trabalho, a fim de auxiliarem na economia doméstica. Alguns moram “de favor”, em imóveis que foram emprestados as suas famílias. É comum a moradia em regiões em que se nota a ausência de serviços estatais básicos como, por exemplo, iluminação pública, rede de esgoto, segurança, saúde, transporte público de qualidade e lazer. O desemprego afeta 40% dos pais e 70% das mães. Desse modo, muitas famílias necessitam de auxílios governamentais, como o Bolsa Família. Muitos estudantes são criados por pais separados, ou pai ou mãe solteiros, ou por avós, ou tios.

Nesse cenário, a implementação de aulas online pela Rede Pública estadual não levou em conta as diferentes realidades sociais e formas de acesso à internet dos estudantes.

Para tentar contornar o problema, a SEDUC-MT orientou as escolas a imprimirem e a distribuírem apostilas com conteúdo e exercícios, semanalmente, aos alunos que estivessem com dificuldades em acessar o Aprendizagem Conectada, site criado especialmente para



manter a aprendizagem durante a suspensão das aulas, em virtude da pandemia de Covid-19. Mais recentemente a SEDUC-MT, em parceria com a TV da Assembleia Legislativa do Mato Grosso, está exibindo as aulas em TV aberta.

Mesmo assim, é possível que transmitir as aulas de forma remota não seja o suficiente, visto que não há a presença do professor para o acompanhamento e mediação da aprendizagem.

2. Como você observa a atuação das escolas, neste período de quarentena para a conscientização ao Covid-19?

As escolas públicas estão diante de um cenário desafiador e tentando cumprir com seu principal objetivo que é a promoção de uma educação escolar pública, de qualidade e gratuita. A escola em que trabalho mantém uma página no Facebook em que são divulgados – além das informações sobre o que está acontecendo na instituição, como as aulas (online, por apostilas ou TV aberta), horário de funcionamento da secretaria e a entrega dos kits de alimentação – dados sobre a Covid-19 e como a situação de pandemia afeta as escolas, com a consequente suspensão das aulas, justamente para preservar a saúde das famílias, ao estimular o isolamento social.

3. Em sua opinião como professor (a) da rede pública de educação básica, quais são os maiores desafios que as escolas públicas estão enfrentando, com relação ao ensino a distância?

As escolas públicas, em relação ao EaD, têm como maiores desafios as diferentes realidades sociais dos estudantes, muitos inclusive sem bom acesso à internet, e a falta de formação específica dos professores para atuarem nessa modalidade de ensino.

4. Comente, em sua opinião, quais são os desafios que o ensino a distância apresenta para os seus alunos?

O ensino a distância é mais uma utopia do que uma realidade para os meus alunos. O primeiro desafio é o não acesso às aulas online, porque muitos não têm internet. Observei então que a demanda pelas apostilas impressas aumentou consideravelmente. O segundo desafio é a disciplina para organizar o próprio horário de estudo, já que não há aquele tempo em que ele estaria – obrigatoriamente – dentro de uma sala de aula. O terceiro é a falta de mediação feita pelo professor devido à forma como a SEDUC-MT organizou a elaboração e transmissão das aulas do Aprendizagem Conectada. Os alunos que acessam o site/aplicativo, o material impresso ou aulas exibidas na TV aberta não são acompanhados por nenhum tutor. Há, na verdade, um convite para que pais/responsáveis participem incentivando os filhos a desenvolverem as atividades semanalmente. Mas essa espécie de *homeschooling* acaba esbarrando na realidade familiar de muitos estudantes da



rede pública, conforme já explicado na questão 1 (no diagnóstico da EE Leovegildo de Melo).

- 5. Considerando a sua formação acadêmica e profissional, pensando o futuro da educação pública no Brasil, fale um pouco sobre as suas expectativas, frustrações, angústias e esperança para o mundo e para a educação, quando parte do problema do contágio do Coronavírus for controlado e o distanciamento e isolamento social não forem mais necessários em nossas cidades.**

A expectativa é que aprendamos com os impactos proporcionados pela conjuntura de pandemia de Covid-19 na educação pública. O que fica claro para mim é que a educação pública tem que reafirmar o seu compromisso com a formação integral do sujeito da aprendizagem e a importância social dos professores. E isso implica em mudanças legislativas prevendo orientações para as redes públicas de ensino para atuarem em cenários como o que estamos vivendo e valorização da carreira e formação dos professores.